

Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado)

Visado pela
Comissão de
Censura

SOL

nascente

quinzenário cultural de literatura e crítica

O CREPÚSCULO DE LEIBNITZ

(Continuação da página nove)

O jovem não pôde conter, com um gesto dos braços que levantam doze dedos (1), quasi indignado, este grito injurioso:

—O mesmo dirieis a outro.

Wolf, horrorizado, deixava-se cair sobre um assento. Mas Leibnitz, sorridente:

—E teria razão, meu Bilfinger. E, se o não dissesse com toda a sinceridade, a minha filosofia não seria suficientemente vasta. Tudo o que afirmam teólogos e filósofos pode ser tomado num bom sentido. Se não descobro esse sentido plausível é porque me falta penetração ou vontade pacifica. O meu próprio pensamento, elle é bastante rico e amante para que diga a cada um o que cada um d'ele pode conceber, aquillo que a sua doutrina, tomada no melhor sentido, d'ele desposará. Mas a alguns, a ti, meu Bilfinger e a Wolf, tento dar mais que aos outros, porque sois capazes de receber mais. Há pouco mais de vinte anos... sim... foi, salvo o erro, em 1695... a esse velho e estúpido teólogo Tomás Burnet, que de há um ano para cá saúdo com um particular respeito, porque há um ano morreu, escrevia num momento de bom humor e ironia: «Fazer conhecer o mais necessário é o suficiente. Do mais profundo, só espiritos selectos podem tirar algum proveito. *Margaritae non sunt obijciendae porcis*». Mas se occultei as minhas pérolas mais preciosas ao ridiculo autor da *Théorie sacrée de la Terre*, não as mostrei todas diante de vós, bem amados filhos?... O meu Deus te incomoda, tão pouco incómodo? Graças a elle, pude, sem levantar tudo contra mim, combater a divindade invasora, a verdadeira divindade dos Spinoza e dos Malebranche, o que é tudo e tudo faz. Sobre esta divindade esmagadora, reconquistei a nossa actividade, a nossa liberdade e até a nossa eternidade. Isto foi alguma coisa numa época em que os filósofos eram mais cegos e místicos que os teólogos. E se tu podes, agora, meu Bilfinger, passar, em voz baixa, já se vê, sem qualquer espécie de deidade, a quem o deves tu?

—Mestre, tudo vos devo. E as vossas últimas palavras, tão generosas, obrigam-me a dizer-vos o mais querido entre os pensamentos que, talvez sem o desejar, vós me deste. Ensinastes-me que ser é agir e um ser absolutamente inactivo seria o puro nada. Ora a vossa deidade, após ter criado os mundos e preestabelecido a sua harmonia eterna, nada mais fez e nada mais fará e, por isso, não existe. Ensinastes-me ainda que o desaparecimento da substância é inconcebível. A substância que hoje não existe e nem age, nunca existiu nem agiu. A harmonia entre os mundos é uma lei natural, não o efeito duma vontade exterior. As monadas não têm janelas por onde uma vontade externa faça penetrar harmonia. Serão correctas estas deducções? Ou preferis, mestre, que, na idea da eternidade das monadas e sua harmonia, compreenda que nunca tivestes necessidade do vosso Deus e daquillo a que os próprios Escolásticos chamavam o recurso da ignorância? Desejais que os filósofos inteligentes vejam como são inúteis e contraditórias a criação e a harmonia estabelecida que seria

preciso conceber como anteriores à própria eternidade. No preestabelecimento da harmonia, quem vos compreenda até à profundidade, vê um simples jogo do vosso espirito; na vossa divindade e na vossa criação adivinho, ousadamente, simples *flatus vocis* para iludir os teólogos.

Para se fazer perdoar pela audácia destas palavras, Bilfinger ajoelhou-se, tomou uma mão de Leibnitz e cobriu-a de beijos. O mestre olhava-o com ternura e, parecendo desprezar a resposta, contava uma anedota:

—Já tinha ultrapassado muito a tua idade, meu Bilfinger, quando conheci um grande perigo e dele tirei uma bela lição de prudencia. Ia de Veneza a Mazola, quando o nosso barco foi assaltado por uma grande tempestade. Os marinheiros, sabendo-me *tedesco* e herético, combinaram, na sua linguagem, lançar-me ao mar para apaziguar o seu bom Deus. Felizmente, compreendo os dialectos da Itália com a mesma clareza que os idiomas bárbaros do país da teologia. Homem precavido, tenho sempre ao meu serviço, quando falo a um Tomás Burnet, alguns termos que me divertem — o abrandam; quando viajo em país católico, tenho sempre num dos bolsos um lindo rosário. Tive-o nas mãos, aparentemente respeitoso, e, murmurando, muito baixo para não ser entendido, algumas palavras de temor e desconfiança, fiz passar pelos dedos, lentamente, as contas abençoadas. Tens talvez razão, meu Bilfinger, em não tomar muito a sério o rosário que me evita um banho perigoso ou que obtem a audiência dos cérebros teologais (2).

Houve um grande silêncio. Leibnitz respirava difficilmente. Contudo tomou a palavra, mas não sem um grande esforço, ofegante:

—Adeus—disse como por sopros que interrompiam suffocações—adeus, meus bem amados filhos. Deixo-vos, para outros espectáculos e outras amizades. Que espectáculos? Que amizades? Quando começar a saber, não vo-lo poderei dizer. Mas sei já, e vos posso dizer, que estarei livre dessas revoluções do universo que a mim próprio me tornariam irreconhecível e fariam de mim, moralmente falando, outra pessoa. Quanto à particularidade do meu ser após a minha morte e o meio pelo qual elle estará liberto da revolução das coisas, a jurisdição da razão não se estende tão longe.

E elle foi vêr a particularidade que, deste lado, a sua razão não podia atingir.

(1) Bilfinger tinha seis dedos em cada mão.

(2) As audácias de Bilfinger não passavam de generosidades e ardores da juventude. Bem depressa, mais prudente mesmo que Wolf, tomou muito a sério, se não o rosário romano, pelo menos a ortodoxia de Augsburg. Assim teve uma vida feliz e honrada: pregador no Castelo de Tubing e repetidor no seminário de teologia; depois professor de lógica e de metafisica em S. Petersburgo; por fim, no seu país de Wurtemberg, ao mesmo tempo conselheiro privado, presidente do Consistório, curador da Universidade e secretário da grande ordem da Venerie.

